

Retratos cinéticos

A Galeria Solar tem patente a exposição «O Tempo de um Retrato», de Luciana Fina. A mostra apresenta várias instalações de vídeo, explorando um conjunto de retratos em movimento, em torno da experiência do olhar e do tempo.



Victor Melo

Percorre-se um acidentado corredor de pedra, estreito e ladeado por paredes de granito. Ao longo do percurso, várias entradas perfuram os arcaicos blocos de pedra, com um espesso manto negro a servir de porta.

O espaço da Galeria de Arte Cinemática Solar assemelha-se a uma pequena vila medieval. Só faltam os archotes a arder e as sombras das labaredas a balançar na rocha.

Alojada numa antiga casa senhorial do séc. XVIII, a galeria adquire uma estética carismática, uma viagem no tempo com contornos místicos. No local ainda permanecem as passagens por onde andavam os cavalos, uma das salas de exposição ainda alberga as calhas, esculpidas na rocha, onde os equídeos comiam.

«O Tempo de um Retrato» é a designação da presente exposição, de autoria de Luciana Fina, artista italiana a residir em Lisboa desde 1991, que articula o seu trabalho entre as artes visuais e a realização de filmes documentários.

Nuno Rodrigues, membro da direcção do Curtas e coordenador de actividades da galeria, enquadra o trabalho da artista na identidade do espaço, na medida que conjuga cinema com arte figurativa, sendo um factor impreterível nas exposições patentes a ligação à sétima arte, o ente artístico que está na génese da essência da Solar.

A mostra está dividida em quatro instalações de vídeo: «Chant», «Vue», «Mouvement» e o mais recente trabalho da artista, «Reflection».

Nuno Rodrigues salienta o facto de ser a primeira vez que a artista reúne a totalidade dos seus trabalhos numa única exposição. "Um facto assinalável", frisa.

Os trabalhos

Uma voz feminina, intercalada por um constante suspirar, parece denotar sensualidade. O som ecoa pelo exíguo espaço, faz ricochete nos blocos graníticos e esbarra nos ouvidos. Mas, antes, há duas portas negras para examinar.

«Reflection» nasce durante a criação da peça teatral «Senso», inspirada no filme homónimo de Luchino Visconti. Um jogo de espelhos e de memórias que revolve em redor da actriz Mónica Calle, no Teatro La Fénice, em Veneza.

Na porta em frente, encontramos «Chant», um tríptico retrato videográfico de atrizes portuguesas, Carla Bolito, Vera Mantero e Isabel Ruth, onde é explorado o canto, a frontalidade e a composição.

Ao fundo do corredor, é desvendado o mistério fonético. Trata-se de «Mouvement», um filme onde dez bailarinas são questionadas imediatamente após um intenso ensaio, explorando o processo de recuperação física e raciocínio humano.

Por último, temos «Vue», um interessante projecto em torno da visão e da evocação de imagens. Vários indivíduos, de múltiplos backgrounds culturais e sociais, são questionados sobre a significância que uma janela tem nas suas vidas.

A história

Galeria Solar

A Galeria Solar nasce em Março de 2005, germinada pela organização do Festival de Curtas-Metragens de Vila do Conde. Está sediada no rés-do-chão de um antigo edifício senhorial do séc. XVIII, propriedade da câmara municipal, existindo no primeiro andar uma residência de estudantes do Instituto Politécnico do Porto. O espaço explora um território de fronteira, por definição um espaço de experimentação audiovisual, entre o cinema, o vídeo e as outras artes.

Embora jovem, a galeria já albergou mais de duas dezenas de exposições. A mostra do cineasta tailandês Apichatpong Weerasethakul, patente de Julho a Setembro passado, bateu o recorde de adesão com cerca de nove mil visitantes.